

C - (5) 17o DOMINGO (TC) – JESUS ENSINA O PAI NOSSO

Sabemos que a oração é um dos momentos mais especiais na vida daquele que tem fé. Rezar é estabelecer um contato pessoal e íntimo com Deus. Jesus ensina aos seus discípulos não uma “fórmula” de oração com poderes, mas princípios fundamentais que recordamos quando repetimos a bela oração do Pai Nosso. **Nas palavras do Pai Nosso estão condensados o verdadeiro retrato de Deus e também o nosso rosto de filhos.**

Na primeira leitura, a história de Abraão nos apresenta o que significa rezar: **é falar com Deus em um diálogo pessoal (tu com tu), franco, sincero e respeitoso.** Abraão intercede por duas cidades completamente corrompidas pelo pecado. Deus estava já determinado abandonar aquela cidade ao seu próprio destino e resolveu compartilhar isto com Abraão. **A passagem bíblica descreve Abraão como uma pessoa sensível e preocupada pelas pessoas das duas cidades.** Ele sabia que em uma delas (Sodoma), habitava seu sobrinho Lot e, assim procura “negociar” com Deus a salvação dos habitantes da cidade, a partir de alguns poucos justos.

Abraão é descrito como alguém mais sensato e misericordioso em relação a Deus. Ele procura todos os meios para salvar aquelas pessoas; Deus é mostrado como um juiz severo, vingativo e frio, determinado em acabar com as cidades. Este era o pensamento e a forma que Deus era visto no AT: pune os pecadores e compensa os justos. **Abraão procura corrigir Deus em relação a sua ação e vontade, mostrando que o princípio de que “todos devem pagar pelo erro de alguns” não era conveniente a um Deus que era chamado de justo e santo.** A intercessão de Abraão em parte tem seu fruto, pois pelo menos conseguiu tempo para que os poucos justos saíssem da cidade.

Jesus é a plena revelação de Deus Pai. Nele não há ódio, vingança ou vontade de punir pecadores, mas um Deus da misericórdia, pronto a ajudar em tudo, como qualquer pai faz de tudo por um filho. Jesus, assim, corrige a imagem de Deus, revelando que nosso Deus é diferente de nós.

No Evangelho deste domingo, Jesus procura ensinar seus discípulos não somente como rezar, mas como nosso Deus se apresenta quando rezamos. **Tudo tem início depois de um longo momento de oração.** Os apóstolos e Jesus conheciam as preces costumeiras e diárias que todo bom judeu deveria fazer, mas Jesus fazia muito mais: rezava longe das pessoas, sua oração pessoal e íntima se estendia por horas. Mas, **o interessante é que Nosso Senhor somente ensina seus discípulos sobre a oração quando eles pediram. Os discípulos se interessaram após assistirem as tantas vezes em que Jesus se retirava para rezar sozinho.**

Eles esperam Jesus retornar de mais um momento de profunda oração. **Pedem que Jesus fizesse o mesmo que fez João Batista.** Nós não sabemos como João e os seus discípulos rezavam, mas os apóstolos queriam que Jesus criasse e ensinasse um modo exclusivo e único de oração que passasse a ser algo que os identificasse e destacasse como discípulos de Jesus, dos outros grupos religiosos. **Jesus faz muito mais do que isto.**

Mais do que uma “fórmula mágica” de oração, o Pai Nosso é um compromisso de vida. Não compromete Deus com quem a invoca, mas sim, quem reza é que se compromete com uma forma de vida junto a Deus. Não é uma oração para pedir coisas, mas para sermos transformados por ela.

Lucas inicia com um simples: “Pai”, não há o pronome “nosso” [que se encontra na oração que rezamos de Mateus]. **Quem reza é convidado a se apresenta diante de Deus não como servo, escravo, estrangeiro ou desconhecido, mas como filho(a).** Este caráter fundamental condiciona toda a oração: a relação entre os dois lados (quem reza e Deus) se estabelece na forma mais profunda de relação que possa existir entre duas pessoas: de Pai/mãe e filho/filha.

Na oração reconhecemos não somente nossa proximidade e profunda relação que Deus tem conosco, mas também nos comprometemos em uma relação de filiação profunda. Como qualquer filho, zelamos pela nossa relação com nosso pai a partir do seu nome. **O nome traz um resumo da pessoa.** Quando não se tem consideração por uma pessoa, o desprezo já se inicia pelo mau uso do nome. Porque sabemos quem é Deus e o que Ele significa em nossa vida, a partir do seu nome, nossa relação já deve ser especial.

A oração continua com um projeto de Deus para humanidade: Reinar sobre todos. Muitos são os reinos que já se impuseram na história e outros procuram dominar a todos, **mas nenhum é o Reino de Deus que Jesus procurou incessantemente ensinar.** Reino do perdão, do amor, da misericórdia, da partilha, da pessoa com centro de tudo. Este é o Reino de Deus que pedimos na oração. Não o meu reino ou de qualquer

ideologia, mas de Deus. **Assim, pedimos que este Reino aconteça neste mundo, cujo dono não é um rei, mas um Pai.** Com este desejo do Reino, podemos também pedir por nossas necessidades fundamentais.

O início da oração é um convite de intimidade profunda e pessoal entre cada um e Deus, mas os pedidos fundamentais são feitos como comunidade. Não se pede para cada pessoa, mas para todos, pois esta é uma das características do Reino de Deus cuja relação é pessoal com Deus, mas a vivência é comunitária e solidária.

“Pão” é um alimento comum a todos: está na mesa dos ricos e dos pobres. Representa tudo aquilo que é fundamental e necessário para o nosso bem. Pede-se não a abundância ou em excesso, pois certamente faltará para outros, mas o pão (o necessário) para hoje; amanhã renovamos nossa confiança e nosso pedido. Pedir o necessário para todos é algo que Jesus sempre nos ensinou.

Outro pedido fundamental é em relação ao perdão. Comprometemos-nos a perdoar o próximo da mesma forma que, sem condições, recebemos o perdão de Deus. Como Pai, Deus quer todo nosso bem e nos perdoa sempre, mas a graça da remissão das faltas está completamente condicionada ao nosso perdão ao próximo. **E como é difícil perdoar como Jesus nos perdoou, mas exatamente porque aprendemos de Cristo que nos perdoa sem condições, devemos fazer o mesmo com qualquer outra pessoa.** No Reino de Deus não pode haver ódio e falta de perdão, pois senão não é o Reino que Jesus nos ensinou.

Por fim, pedidos forças para que não sejamos vencidos durante a tentação. Não pedimos para sermos isentos da provação, mas sim para não sermos deixados sozinhos na luta contra o mal. É mais um pedido comunitário, como comunidade de irmãos e irmãs, igreja de Cristo. Sozinhos somos mais frágeis diante do mal que procura nos arrastar para o caminho da tentação, assim, pedimos que não sejamos introduzidos neste caminho, mas que permaneçamos dentro do Reino de Deus e de Jesus.

Jesus ainda aprofunda o tema sobre a relação especial que acontece entre Deus e quem reza. **Com uma parábola, Jesus explica que não há obstáculo, desculpa ou condicionamento entre a pessoa que pede em oração e Deus que sempre atende, abre e concede.** Entre nós, damos desculpa até para ajudar os outros quando eles precisam do necessário (como o “pão” na parábola) ou até mesmo quem é precioso para nós (um filho, um parente, os pais). Jesus nos esclarece que através da oração feita de forma sincera e em sintonia com o projeto de Deus, o acesso com Deus é direito e Ele sempre nos atende, mas naquilo que realmente precisamos. **Ele nos conhece e está pronto a nos ajudar naquilo que é fundamental, com um pai sabe o que é melhor para o seu filho. E o maior tesouro que Deus nosso Pai pode nos conceder é o seu próprio amor que é o Espírito Santo.**

Pe Dirlei